



Rafael Lucchesi
Economista, é diretor-geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), diretor-superintendente do SESI e diretor de Educação e Tecnologia da CNI. É também conselheiro do Conselho Nacional de Educação (CNE).

O FUTURO DO TRABALHO E OPORTUNIDADES COM A INDÚSTRIA 4.0

Estamos vivendo o início de uma nova era em que um conjunto de novas tecnologias, baseadas em novas rotas tecnológicas como big data, internet das coisas, produção integrada e conectada, manufatura avançada, indústria aditiva e inteligência artificial, mudará tudo ao nosso redor. O mercado de trabalho também será reformulado.

Diante desse cenário, são muitas as adaptações necessárias para que empresas e trabalhadores sejam bem-sucedidos. Independentemente do que seja possível prever, uma coisa é certa: todas as ocupações humanas vão ser fortemente impactadas por essas transformações e empregados e empregadores devem estar preparados para um aprendizado contínuo.

Historicamente, as transformações disruptivas sempre criaram o temor da perda de empregos para máquinas, mas o progresso tecnológico e a automação não fizeram o ofício humano obsoleto, apenas o modificaram. A exigência, que já ocorre, desde as primeiras revoluções industriais há mais de 200 anos, é de aumento do capital humano, de qualificação, de produtividade, de geração de riqueza e melhoria do bem-estar.

Ainda que o futuro seja incerto, duas grandes tendências nos dão pistas sobre os desafios que teremos. A primeira diz respeito ao encerramento do bônus demográfico, com uma redução da quantidade de trabalhadores que entram no mercado de trabalho em relação aos que o deixam. Isso impõe um entrave para o crescimento pelo

simples fato de que não será mais possível crescer simplesmente empregando mais pessoas. Ou seja, para crescer será preciso produzir mais com menos. Mais ainda, com as mudanças no sistema previdenciário e o envelhecimento da população, é fato que a idade média dos trabalhadores seguirá aumentando.

A segunda tendência crítica reside sobre os avanços tecnológicos e a automação do sistema produtivo. Por um lado, isso significa um aumento da demanda por profissionais capazes de lidar com a dinâmica de uma economia mais atrelada à tecnologia, ao mesmo tempo que ocupações repetitivas e rotineiras tendem a ser substituídas por robôs.

O que essas duas tendências nos dizem é que os trabalhadores passarão mais tempo no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que precisarão manter um aprendizado contínuo para suprir as lacunas de habilidades que surgem com o progresso tecnológico.

Uma contradição que surge nesse contexto é que apesar da alta taxa de desemprego, observada no Brasil recentemente, 34% dos empregadores reportam dificuldade em contratar pessoas adequadas para as vagas que são abertas por não encontrarem candidatos com as habilidades requeridas para o cargo, segundo dados do MangroupPower.

O problema é que as mudanças ocorrem a uma velocidade superior à capacidade de preparar profissionais para os novos desafios do mercado de trabalho. Na prática, isso significa que as novas tecnologias demandam habilidades específicas que ainda não são ensinadas no sistema de ensino tradicional. Mais do que isso, não há mais tempo para esperar formar uma nova geração de profissionais que tenham essas características.

Não significa que a formação tradicional deixou de ser importante, mas no que pese a formação tradicional, precisamos de uma nova escola, que respire e dialogue com a inovação. Os países desenvolvidos que já chegaram no nível de excelência estão indo na direção do STEAM (sigla de Ciências, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática, em inglês). Ou seja, passar para uma educação mais criativa, que dialoga com as formas de geração de riqueza do futuro.

Para além da formação tradicional, o ponto é que deverá haver uma complementação contínua para que o trabalhador desenvolva novas competências. Para se ter uma ideia, estudo do Fórum Econômico Mundial mostra que em grandes empresas, quase metade dos empregados deve passar por algum treinamento todos os anos, seja no próprio ambiente de trabalho, seja em instituições de educação profissional.

Somente na indústria, estima-se que anualmente 1,6 milhão de empregados deve passar por algum aperfeiçoamento profissional até 2023, em resposta às mudanças trazidas pela indústria 4.0 e à pressão pelo aumento da produtividade e da competitividade, de acordo com as projeções do Mapa do Trabalho Industrial preparado pelo SENAI.

Trabalhadores qualificados são capazes de utilizar e interpretar as novas tecnologias, antecipar tendências e propor produtos e processos mais eficientes. Países desenvolvidos estão investindo fortemente na agenda de educação profissional devido à 4ª revolução industrial.

Em termos de política pública, dois grandes campos de atuação são percebidos nesse cenário. De um lado, a requalificação de trabalhadores que estão em ocupações que estão perdendo espaço por conta do processo de automação, preparando-os para outras atividades e garantindo a manutenção de sua empregabilidade.

Por outro lado, todos os trabalhadores devem passar por aperfeiçoamento contínuo para adquirir e desenvolver novos conhecimentos e habilidades, o que traz ganhos de produtividade e ainda fortalece a empregabilidade.

Em que pese o cenário desafiador de transformação na dimensão trabalho, novas oportunidades surgirão nesse contexto. A demanda por trabalho mais qualificado tende a aumentar, de modo que profissões mais analíticas e interativas não rotineiras ficarão mais em evidência. Em um mundo em que as máquinas dividem espaço com as pessoas, o diferencial do trabalhador incidirá sobre habilidades como pesquisar, analisar, avaliar, planejar, elaborar regras e prescrições, interpretar, negociar, coordenar, organizar, ensinar. Ou seja, o trabalhador do futuro será aquele que fará o diferente, o inovador, o dinâmico.

A educação profissional é um dos pilares da inovação e do aumento da produtividade na indústria brasileira para o crescimento da economia.

Diante dessa realidade, o Brasil tem mais uma chance de recuperar seu atraso, dando saltos de produtividade e competitividade, investindo em uma força de trabalho mais preparada para os desafios do futuro. É um caminho possível para aproveitar a janela de oportunidade, trazida pelo avanço tecnológico e a educação profissional contínua.